



SERRA DO CURRAL D'EL REY EM MINAS GERAIS: CONCORRÊNCIAS ENTRE MINERAÇÃO E INVESTIMENTOS IMOBILIÁRIOS NA CIDADE DE BELO HORIZONTE E NO MUNICÍPIO DE NOVA LIMA/MG

Maria Célia Nunes Coelho¹
Maria Therezinha Nunes²
Kelly Cristina Costa³

Resumo:

Este trabalho traz à baila a discussão sobre a Serra do Curral d'el Rey, vista como cenário de competições entre mineradoras e investidores imobiliários e de construções de “novos” fragmentos espaciais urbanos (seções de um todo), preparados e destinados às elites econômicas localizadas em Minas Gerais. Por meio deste estudo, objetivamos identificar e entender os processos e os efeitos das construções em fragmentos espaciais, ou novas paisagens definidas pela associação sistêmica entre objetos (técnicos) e ações humanas. Do ponto de vista dos poderes públicos e das empresas privadas, os fragmentos espaciais em formações (produtivo ou urbano) têm por meta principal a dinamização das economias de dois municípios: Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais e centro da Região Metropolitana - RMBH, e seu município vizinho, Nova Lima - MG. Abordamos a coexistência de processos de legitimação de dois padrões distintos de acumulação capitalista (vinculados à mineração e aos investimentos imobiliários) com seus respectivos desdobramentos em Belo Horizonte e Nova Lima. Dentre os processos localmente vigentes esta o de acumulação espoliativa, adotado estrategicamente pelas empresas na área estudada. Os processos de estudados abrangeram o período da segunda metade do século XX até as primeiras décadas do século XXI. As atividades mineradoras e imobiliárias vêm sendo acolhidas por uma parte da sociedade e renegadas por outra. Uma parcela da sociedade se volta para a proteção ambiental e a outra, para a aquisição de propriedades na Serra, com o apoio do poder público e de instituições financeiras. Os políticos, os agentes da administração pública e privada, se tornaram interessados tanto na ampliação das Compensações Financeiras pela Exploração Mineral - CFEM — geradas pelas exportações praticamente *in natura*, realizadas pelas empresas mineradoras — quanto no aumento dos impostos urbanos arrecadados. Ademais abordamos a Serra do Curral d'el Rey como objeto ainda pouco expressivo de manifestações de grupos religiosos ou similares.

¹ Geógrafa, PhD., em Geografia. Professora (aposentada) do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. mcncoelho@gmail.com

² Mestre em História da Educação. therezinhanunes@gmail.com

³ Mestre em Análises e Modelagem de Sistemas Ambientais. kccmaia@hotmail.com

Boletim Petróleo, Royalties & Região



Palavras-Chave: Serra do Curral d'el Rey; Exploração Mineral; Região Metropolitana; Investimentos Imobiliários

Serra do Curral d'el Rey in Minas Gerais: Competition Between Mining and Real Estate Investments in the City of Belo Horizonte and the Municipality of Nova Lima/MG

Abstract:

This article brings to light the discussion surrounding the Serra do Curral d'el Rey, viewed as a battleground between mining companies and real estate investors, and the construction of "new" urban spatial fragments (sections of a whole), designed for and aimed at the economic elites of Minas Gerais. Through this study, we aim to identify and understand the processes and effects of the construction of spatial fragments, or new landscapes defined by the systemic association between (technical) objects and human actions. From the perspective of public authorities and private companies, these spatial fragments (whether productive or urban) are primarily intended to stimulate the economies of two municipalities: Belo Horizonte, the capital of the state of Minas Gerais and center of the Metropolitan Region (RMBH), and its neighboring municipality, Nova Lima. We address the coexistence of processes legitimizing two distinct patterns of capitalist accumulation (linked to mining and real estate investments) and their respective impacts on Belo Horizonte and Nova Lima. Among the processes currently in place is the extractive accumulation strategy, strategically adopted by companies in the area under study. These processes spanned from the second half of the 20th century to the first decades of the 21st century. Mining and real estate activities have been embraced by part of society while rejected by another. One segment focuses on environmental protection, while the other seeks property acquisition in the Serra, supported by public authorities and financial institutions. Politicians and public and private sector agents have become interested in both the increase in Financial Compensation for Mineral Exploration (CFEM)—generated by the near-raw exports conducted by mining companies—and the growth of urban tax revenues. Additionally, we discuss Serra do Curral d'el Rey as a relatively minor focus of manifestations by religious or similar groups.

Keywords: Serra do Curral d'el Rey; Mineral Exploitation; Metropolitan Region; Real Estate Investments



1 INTRODUÇÃO AO TRABALHO⁴

A Serra do Curral d’el Rey é o cenário contemporâneo de competições entre setores da economia (mineração e negócios imobiliários) ou de concorrência⁵ pelo uso de terrenos entre mineradoras e empresas imobiliárias e pelas ações entre empresas públicas e privadas. Mineradoras e empresas imobiliárias atuam na produção de novos fragmentos espaciais explorados pela mineração ou ocupados pelas populações urbanas na Serra do Curral d’el Rey, na cidade de Belo Horizonte - BH, e no município de Nova Lima. Trata-se de projetos de transformações de fragmentos espaciais (seções de um todo), por conjuntos de empresários bancados por prefeituras, atuais ou passadas que ocorrem a cerca de 70 anos. Ao longo desse período, os gestores e agentes econômicos do Estado, de Minas Gerais, da cidade de Belo Horizonte e do município de Nova Lima utilizaram o espaço da Serra do Curral d’el Rey para induzir e aumentar o dinamismo nas economias belo-horizontina e novalimense, promovendo a valorização da terra urbana, gerando trabalhos de construção, atraindo investimentos (apoiados por instituições financeiras) de grandes empresas capitalísticas e ampliando a disponibilidade dos capitais financeiros. Não deixaremos, contudo, de mencionar forças emergentes como os movimentos de proteção ambiental e as manifestações de grupos religiosos de meditação, que escolhem meditar ou rezar, nas elevadas altitudes da Serra.

O período de nossa análise vai de meados do século XX até 2020, século XXI; afetados pelo *boom* e *pós-boom* das *commodities* minerais. No início deste período, a concorrência entre os dois setores da economia analisados avançou de forma significativa. Nosso olhar se voltou para as transformações físicas e sociais em fragmentos específicos da Serra do Curral d’el Rey, em uma análise que, embora

⁴ Contamos com críticas e sugestões pertinentes da geógrafa Dra. Elis Miranda a quem agradecemos pela generosidade.

⁵ Para fins do presente texto, fazemos diferença entre concorrência e disputa. Por concorrência estamos entendendo ações de competir uns com os outros com vistas à prioridade sobre algo. Já disputa envolve, a nosso ver, confronto concreto (briga) ou ação tomada por grupo que enfrentam clara e duramente outros grupos rivais. Nos casos em estudo, as concorrências dizem, de um lado, respeito aos poderes de grupos de empresários interessados em alcançarem prioridades na obtenção de terrenos bem localizados para construir condomínios. Por outro lado, o grupo é composto de mineradoras que ambicionam dispor dos mesmos terrenos no caso de serem eles ricos em minérios. Então, mesmo em terrenos já ocupados por condomínios pode haver negociações com o intuito de torná-los mineralmente produtivos. Estes foram os casos dos condomínios já construídos e habitados Capitão Xavier e Jardim Monte Verde, em Nova Lima, comprados pela mineradora Vale S.A. — interessada em explorar o minério de ferro contido nesses respectivos terrenos.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



fragmentária, não se deu sem a percepção do todo. As questões envolvidas no estudo são: desde quando, quais os processos e como os efeitos desses (danos ou riscos, sobretudo, socioambientais) decorrentes da exploração mineral e da ocupação urbana moderna da Serra do Curral d'el Rey afetaram ou afetam a estruturação espacial de Belo Horizonte e Nova Lima e seus ambientes físicos?

A hipótese do trabalho é que as competições entre setores (mineração e imobiliário) existem, no entanto, estas concorrências se dão da forma não muito aberta à mídia. Tal concorrência, certamente, esconde o desejo e a tendência das empresas mineradoras e imobiliárias também de investirem uma no campo da outra, pois ambos os setores se realizam acumulando capitais. Além do mais, o processo de acumulação espoliativa também ocorre.

Nosso trabalho terá os objetivos como: 1) Identificar e analisar os processos de avanço e de dinamismo dos dois ramos (mineração e imobiliário) principais de transformações em determinadas seções da Serra do Curral d'el Rey em Belo Horizonte e em Nova Lima, tendo como resultados a produção de novos segmentos espaciais urbanos luxuosos e as novas minas abertas na atualidade; e 2) Examinar as transformações espaciais nas áreas geográficas de usos competitivos na Serra do Curral d'el Rey.

É preciso dizer que este trabalho foi baseado em revisão da literatura existente; em trabalhos de reconhecimento de campo; em comparações entre o passado e o presente; em análise dos documentos da prefeitura (como os Planos Diretores); em debates e votações nas Câmaras Municipais e Estaduais de Vereadores e de Deputados; em Termos de Ajustamento de Conduta (TACs) elaborados e assinados pelo Ministério Público, Estadual e Federal; em vídeos (a maioria com o uso de *drones*) de profissionais e não-profissionais ou amadores (como “BHDrone” e “Minas Gerais Para o Mundo”); e em muitas outras fontes, como em notas da imprensa, por exemplo, as do jornal *O Tempo* e em *lives* relativas à Serra do Curral d'el Rey e à Serra do Rola Moça, vistas como um todo ou como fragmentos específicos.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



2 CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO

Ao longo dos tempos, os significados da Serra do Curral d'el Rey em Minas Gerais foram sendo alterados. A Serra do Curral d'el Rey⁶ (Imagem/Mapa 1 e Imagem/Mapa 2) é ainda marco topográfico e patrimonial relevante.

Por ocasião de 1950 até os dias atuais, em Belo Horizonte, as atividades econômicas se diversificaram, sem que a mineração desaparecesse da Serra do Curral d'el Rey⁷. Populações foram cada

⁶Originalmente a Serra do Curral d'el Rey — relativamente distante da área urbanizada central — funcionava como um limite entre a cidade de Belo Horizonte e as áreas de mineração. Atualmente Belo Horizonte e Nova Lima apresentam contiguidades de ocupações humanas em meio à mineração. Ambos os municípios apresentam facetas variadas de seus espaços (elaboradas em tempos diferenciados), como quase todos os municípios brasileiros. Porém selecionamos a Serra do Curral d'el Rey para nosso estudo ensaístico, em virtude das peculiaridades desses dois municípios, com áreas vizinhas e contíguas, e dos riscos de desfigurações dessa Serra, que ocupa partes significativas de seus territórios.

A Serra do Curral d'el Rey é uma das bordas do planalto pertencente ao complexo de elevações (maciço) da Serra do Espinhaço. Ela abrange 11 km de extensão e atinge altitudes que variam de 1100 a 1350 m de altura. A altura do seu pico mais alto é de 1390 m, o Pico Belo Horizonte. Por sua altitude elevada, a Serra abriga as torres de transmissão de rádio e televisão desde 1950.

Tal Serra é parte de planalto de terrenos rochosos do pré-cambriano, compostos de itabiritos e hematitas, mais resistentes ao intemperismo. Trata-se de uma unidade geomorfológica representada por formas de relevo elevadas com cobertura original de Mata Atlântica — um exemplo é a Mata do Jambreiro, que circunda a Mina de Águas Claras, situada em Nova Lima, há poucos quilômetros de Belo Horizonte. Há ainda o bioma de Cerrado e de campos de altitude. Em sua cumeeira, ela apresenta alguns topos pontiagudos, como o Pico Belo Horizonte. Suas escarpas — uma voltada para Belo Horizonte e a outra para Nova Lima — são muito íngremes. Outras serras acompanham a região, como as Serra do Espinhaço, Serra da Moeda, Serra da Calçada, Serra do Rola-Moça, para citar algumas. A região é rica em nascentes. Os rios, ribeirões e córregos, como o Rio das Velhas (afluente do Rio São Francisco), o Ribeirão Arrudas, o Córrego do Cercadinho, o Córrego dos Macacos, o Córrego da Serra e outros, são encaixados, isto é, os rios e riachos que cavaram à montante vales (calhas profundas) em forma de V ou de U. Esse planalto — maciço do Espinhaço ao qual a Serra do Curral pertence — abriga o Quadrilátero Ferrífero, uma estrutura geológica cuja forma se assemelha a um quadrado, uma área que se estende aproximadamente de Ouro Preto a Belo Horizonte.

Antes, espaço dos povos originários (povos indígenas), região de passagem de caravanas (tropeiros) que se dirigiam para Sabarabuçu (área de exploração aurífera), razão do nome Curral d'el Rey. A região era de exploração agrícola, que nos primórdios da Capital, em seus pés, proliferavam “favelas” (como Pindura Saia e Pombal). Na Serra do Curral d'el Rey, a mineração de ferro começou a ganhar importância na década de 1940. Nas suas encostas ou sopés foram criados os parques de proteção ambiental, como o Parque Municipal das Mangabeiras — antiga localização da mineradora municipal, Ferrobela — e o Parque da Serra do Curral. No fim dos anos de 1960 e na década de 1970, na subida da Serra, surgiram os bairros Mangabeiras e Belvedere, ambos destinados à ocupação da população de maior poder aquisitivo. Tal ocupação se estende de Belo Horizonte para o município vizinho de Nova Lima. A mineração de ferro ganhou maior intensidade com o *boom* e *pós-boom* das *commodities* minerais nos anos iniciais do século XXI.

⁷Segundo Carlos M. Teixeira, “A Serra do Curral foi tombada pelo Governo Federal em 1960, como reconhecimento de sua importância na configuração da paisagem da cidade e como forma de deter o avanço das mineradoras instaladas no lado oculto da serra. O lado voltado para Belo Horizonte estava intacto, não devastado pela mineradora então atuante, a Hanna Corporation, sendo que a medida foi tomada menos para conter o processo de especulação imobiliária do que para evitar a

Boletim Petróleo, Royalties & Região



vez mais atraídas do campo para a cidade de Belo Horizonte, a qual se industrializava; conseqüentemente, passaram a ser verificadas expansões urbanas. Entre as cidades e os municípios, esse fenômeno marcou especialmente Belo Horizonte, centro da Região Metropolitana, e Nova Lima, município tradicionalmente minerador, vizinho de Belo Horizonte. Nos anos 2000, por ocasião do *boom* das *commodities* minerais, cresceu a concorrência pelo uso do solo e do subsolo entre empresas mineradoras, empresas imobiliárias, proprietários de terra e outros atores sociais.

No século XXI, uma das estratégias para estimular a acumulação do capital tem sido a criação de “novos” segmentos espaciais, ou seja, de paisagens urbanas “modernas”— ou, de forma pejorativa, “modernosas” —no espaço, que, portanto, não se combinam com as paisagens rústicas da mineração. No trecho analisado da Serra do Curral d’el Rey, novas paisagens se fundem em registros de edificações tanto de instalações novas de pequenas mineradoras quanto de investimentos de indivíduos interessados no mercado de imóveis mobiliários. Quase todos objetos que compõem a paisagem são expostos de formas e estéticas em geral copiadas de outros lugares, como Londres, Nova York e São Paulo. Por trás desses investimentos os atendimentos estão as demandas internacionais por minério de ferro. A especulação imobiliária internacionalmente é ali também motivada. A economia rentista surge por investidores diversos. Nossa premissa é de que as explicações para as mudanças ali ocorridas requerem o exame da articulação entre escalas, ou seja, desde a escala internacional até as escalas nacional e locais/regionais.

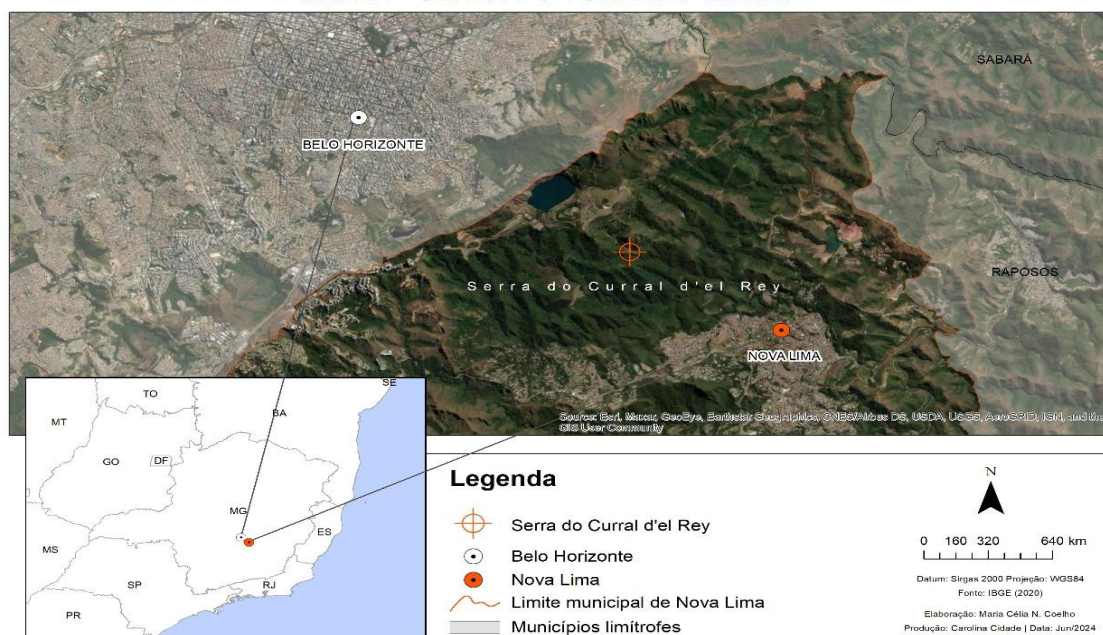
invasão das atividades de extração mineral no município de BH” (TEIXEIRA, C. M. 2022, p.276). Tal tombamento ainda não foi homologado.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



Imagem/mapa 1

MAPA 1 - SERRA DO CURRAL D'EL REY

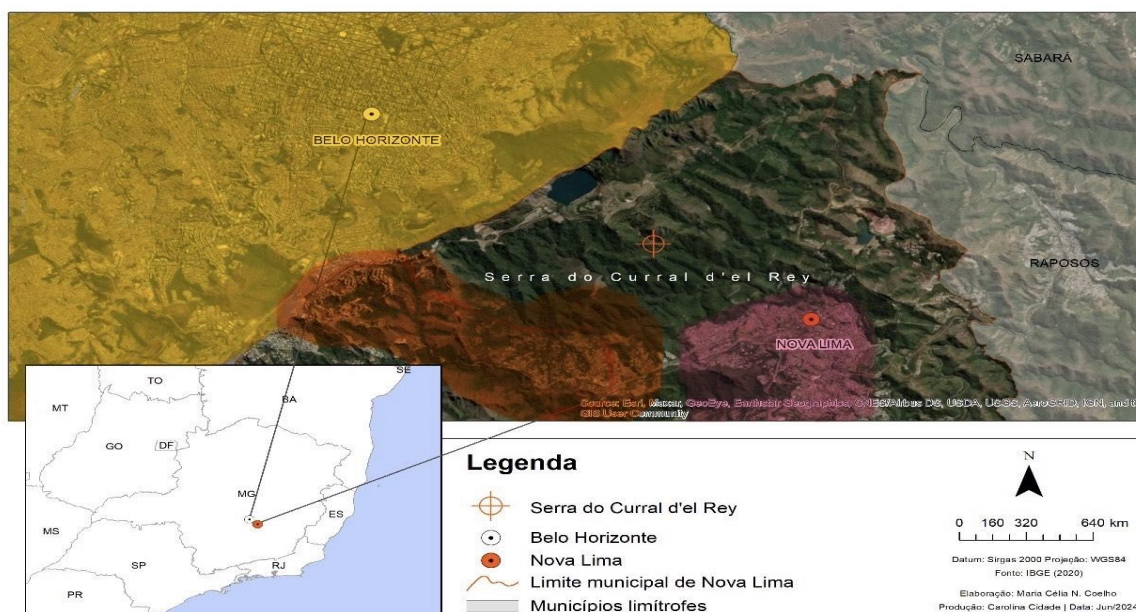


Fonte: Imagem extraída do Google Map em abril de 2024.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



Imagem/Mapa 2



Nova legenda:

- Áreas de ocupação urbana tradicionais
- Áreas de ocupação urbana mais recente (1960 a 2024)
- Áreas urbanas, de mineradoras de turísticas e rurais

3 BASE TEÓRICA

As teorias e métodos são imprescindíveis à análise espacial e temporal das áreas geográficas investigadas. As teorias espaciais fundamentam a análise dos espaços-tempos, com a produção de novos espaços urbanos, com as transformações de espaços rurais e semirurais em áreas urbanas. Além da teoria e dos métodos geográficos, análises explicativas da economia política precisam ser exploradas.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



3.1. Teoria espacial

Teorias sobre os espaços dizem respeito às ideias concebidas a partir das formas, das funções e das estruturações em um espaço-tempo específico. As teorias do espaço são partes da teoria social geral mesmo que isso não esteja explícito (M. CASTELLS, 1983,p.182).

Buscamos neste estudo entender o espaço geográfico e a organização do espaço-tempo a partir das obras de alguns teóricos, tais como: Henri Lefebvre (*A revolução urbana* ([1970], 1993) e *A produção do espaço* ([1971], 1974 e 1999); David Harvey ([1989], 1992, 2016); e desde a visão de espaço geográfico e de paisagem do geógrafo brasileiro Prof. Milton Santos (1994, 1995, 2019). Para compreender o espaço geográfico é necessário clarificar noções, idéias ou conceitos:

3.2. Concepção de espaço geográfico

O sociólogo francês Henri Lefebvre (1901-1991) trabalhou a visão de espaço como processo de construção social relacionado com as condições materiais de produção e da existência de cada sociedade; para tal, investigou o processo de produção do espaço. Suas formas de pensar incluíam as relações espaciais, tempos-espaciais e sociais que são tomadas centrais em seu livro ***A produção do espaço*** ([1971] foi publicado na França em 1974 e na América do Sul em 1994).

Para Henri Lefebvre, a realidade social contemporânea estava marcada pelo movimento de implosão-explosão característico das cidades na fase do capitalismo avançado. Na fase da industrialização, evidenciou-se o processo industrial e o crescimento da produção do espaço social urbano. Dessa forma, o processo de industrialização nos países periféricos como o Brasil resultou na implosão/exploração das cidades, ou seja, nos grandes fluxos de migrações/urbanizações nos anos após a II Guerra Mundial.

Na sua análise do espaço, Lefebvre atribuiu importância a três dimensões fundamentadas nas visões espaciais, como o espaço percebido, o espaço concebido e o espaço vivido. O primeiro deles era entendido como o espaço da experiência material; o segundo, como o do planejador; e o terceiro era o espaço da imaginação e do simbólico. Na ocasião, Lefebvre ressaltou as relações dialéticas entre essas três dimensões.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



Para os autores H. Lefebvre, D. Harvey e M. Santos, o espaço e o tempo eram [e são] interativos, não podendo ser considerados separadamente. Por sua vez, o geógrafo D. Harvey ([1991 ou 1994]), partindo do espaço visto do ponto de vista geográfico no texto “*Space as a Keyword*” — traduzido como “O espaço como palavra-chave” —, o espaço se divide em absoluto, relativo e relacional. Harvey ressaltava que o espaço era, ao mesmo tempo, absoluto, relativo e relacional. Para ele, o espaço absoluto era materializado; o relativo indicava relações entre lugares ou objetos, fortuitas ou planejadas; e o espaço relacional envolvia também relações, e é o espaço da imaginação, do medo (vide a esse respeito SOUZA, 2008), dentre outros autores.

Segundo Milton Santos, “o espaço geográfico é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS, 1994, p.90). Não é o espaço que é produzido, o que é construído ou transformado é o uso do espaço (ou das ações). Para o autor, os objetos contêm técnicas (como casa, prédios, jardins, parques etc.) e intencionalidades⁸, e seus arranjos são histórias de ações passadas, reveladoras das finalidades impostas por uma determinada época.

Vamos neste trabalho explorar os pensamentos de H. Lefebvre no livro ***A produção do espaço***, de 1971, o texto de D. Harvey “*Space as a Keyword*”, de 2004, e as ideias de Milton Santos, por pensar que Milton Santos, ao incorporar elementos da sociologia ao conceito de espaço, não anula a importância de Lefebvre e de D. Harvey na evolução do pensamento geográfico.

O conceito de espaço em Lefebvre, trabalhado por Harvey, distingue-se da visão de Santos, mas os conceitos se conectam, uma vez que, para os três autores (SANTOS, LEFEBRE e HARVEY), o espaço é processo, é, portanto, socialmente construído. A diferença principal foi a introdução feita por Santos da técnica ao raciocínio por ele desenvolvido. O objeto técnico é socialmente produzido. Para este autor, espaço geográfico e paisagem são frutos de processos construtivos temporais que envolvem sistemas de objetos técnicos e ações humanas.

⁸ Para M. Santos: “sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou pré-existentes. É assim que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma” (1994, p. 111).



3.3. Espaço geográfico, paisagem e paisagem urbana

Segundo os Professores Milton Santos (1995) e Corrêa & Rozendahl (2004), espaço e paisagem não são a mesma coisa. SANTOS (1995) argumenta que paisagem é sempre fragmento do espaço geográfico. Para simplificar, ele definiu paisagem como “tudo aquilo que a nossa vista alcança”. Conforme sua visão, as paisagens expõem objetos técnicos socialmente arranjados e portadores de características e funções específicas, que marcam tempos e espaços diferenciados.

Paisagem entendida como resultado de condições geográficas — conferidas pelas localizações, posições, condições físicas e sociais, enfim, por características físico-socio-ambientais e tempos-sociais —, de processos passados ou presentes, ou de conjunto de práticas materiais, imateriais, sociais, políticas, econômicas e sua representação cultural. A noção de paisagem urbana está associada às áreas de moradias, de templos religiosos, de supermercados, de *shopping malls*, de lojas comerciais, de áreas recreativas e de presenças de unidades político-administrativas e militares.

4 “URBANIZAÇÃO EXTENSIVA”

Roberto L. de M. Monte-Mór (2007) propôs o conceito de “urbanização extensiva”. Na urbanização extensiva — esta urbanização se estende para além das cidades, e penetra virtualmente todos os espaços regionais (Vide MONTE-MÓR, R. L de M. 1994. *In*: SANTOS, Milton *et al.* (orgs.). Territórios, globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994. p. 169-181). O conceito de “urbanização extensiva” pode ser aplicado a Região Metropolitana⁹ quando tratamos de migração que se dá em mais de um município dessa região.

⁹ “A região metropolitana é a forma de organização de um conjunto de cidades com características de ocupação de espaços do capitalismo avançado” (CASTELLS, 1983, p.57).

Boletim Petróleo, Royalties & Região



A urbanização extensiva diz respeito à expansão espacial da urbanização que se estende para além da cidade central, cidade metropolitana, conectada por redes, e que representa as formas espaciais urbanas capitalistas das sociedades contemporâneas.¹⁰

5 MINERAÇÃO. ORIGENS DAS CIDADES E ÁREAS URBANAS A ELAS INCORPORADAS

Primeiramente, foi o ouro o motivador dos aglomerados populacionais no interior do Brasil, particularmente em Minas Gerais. Neste estado, até a década de 1960, o título de município minerador era atribuído, principalmente, a Sabará, Nova Lima, Ouro Preto e Mariana.

5.1. *Mudança da Capital mineira*

Em 1690, os bandeirantes paulistas encontraram ouro na região mineira, nos Riachos do Cardoso e dos Cristais. No caminho de Sabará, no sopé da serra, uma vila foi se formando num ponto escolhido para ser um curral para descanso e alimentação das tropas (compostas de caravanas de tropeiros e equinos). Este arraial foi mais tarde selecionado para ser a localização da nova capital mineira.

Durante muitos anos, a vila de Nova Lima viveu da produção do ouro — graças à descoberta anterior de ouro na mina de Morro Velho, explorada, inicialmente, por volta de 1720. Como Nova Lima, a vila de Raposos, vizinha de Nova Lima, foi um arraial aurífero pertencente à Sabará. Havia em Raposos um prolongamento da mina de Morro Velho. Arraial dos Raposos e seus arredores passaram a se organizar para abastecer de gêneros alimentícios a região de Sabarabuçu.

Ouro Preto, por sua vez, foi um importante núcleo de exploração de ouro fundado em 1698 por bandeirantes paulistas, tornando-se sede da Capitania das Minas Gerais em 1711 — ainda no auge da corrida do ouro —, ocasião na qual foi elevada a vila, recebendo o nome de Vila Rica de Albuquerque.

¹⁰ Similarmente, Renata G. V. de Souza e Fausto R. A. de Brito (2006, p.1) identificam esse fenômeno e o tratam como processo de “inversão espacial do crescimento demográfico e a [sua] principal causa é a mudança no comportamento das migrações intrametropolitanas”.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



Em 1823, Vila Rica recebeu de D. Pedro I o título de Imperial Cidade de Ouro Preto. A cidade de Ouro Preto era tida como a capital mineira.

Próximo ao fim do século XIX, a viabilidade da localização de Ouro Preto, seu relevo montanhoso e a sustentabilidade do crescimento populacional da capital mineira eram questionados; portanto, a decisão de construção de uma nova capital foi confirmada.

O jornalista e poeta Olavo Bilac (Vide DIMAS, A. 2006) visitou o lugar escolhido para sediar a nova capital mineira em janeiro de 1894. A escolha do novo local tinha recaído na terceira opção apresentada, situada no vale do Rio das Velhas, distante 18 quilômetros de Sabará, 800 metros acima do mar. Na descrição da época, essa área correspondia ao imenso chapadão [planalto] banhado pelo Ribeirão Arrudas, entre a Serra do Curral d'el Rey, ao sul, e a Serra da Contagem, ao norte.

O engenheiro encarregado de estudar Belo Horizonte dizia que a localidade tinha uma disposição providencial que lhe assegura excelentes condições climatológicas: a Serra do Curral ao sul protege-a dos ventos úmidos que vêm das Serras do Ouro Branco e da Moeda, e ao norte protege-a a Serra da Contagem, dos ventos quentes do sertão, vindos da Serra da Piedade e do Vale do Rio Paraopeba.

Segundo escritos da época, o lugar escolhido para abrigar a capital já era povoado. Esse Lugar poderia, segundo os cálculos feitos, comportar uma população de 30.000 almas. É apenas uma pequena parte do chapadão [planalto], que, uma vez aproveitada, pode logo dar espaço à construção de uma cidade para mais de 500.000 almas, com água abundante, fornecida pelos Ribeirões do Arrudas, do Pantana, dos Macacos, do Acaba Mundo, do Cercado, do Leitão e da Serra (vide DIMAS, A. Bilac, O Jornalista, Crônicas, 2006 e Bilac, O Jornalista, Ensaios, 2006).

A construção da nova capital, Belo Horizonte, foi efetuada pelo engenheiro responsável Aarão Reis inspirado no modelo da reforma parisiense seguida pelo Barão Haussmann— George-Eugène Haussmann (1809-1891), prefeito de Paris nomeado por Napoleão III. Tal modelo prezava parques, avenidas grandes e largas. Nos anos 1960, a cidade ia já muito além da avenida (circular) do Contorno¹¹

¹¹ Em Belo Horizonte, a Avenida do Contorno (av. circular) foi inicialmente planejada para ser o limite que separava o espaço de aglomeração urbana, isto é, ela marcava o limite entre os espaços urbano e rural e de mineração na Serra do Curral d'el Rey.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



(Imagem/Mapa 1). Sua delimitação foi confirmada ao sul pela Serra do Curral d'el Rey e ao norte pela Serra da Contagem.

5.2. Minas de ferro em Belo Horizonte e em Nova Lima no século XX

Desde o fim do século XIX, com a corrida do ouro em declínio, o ferro passou a ser o metal mais valorizado no Sudeste brasileiro. Contudo no Brasil, em Minas Gerais, sua exploração cresceu mais a partir dos anos 1940. Em Belo Horizonte, a Serra do Curral d'el Rey, rica em ferro, estava relativamente distanciada do espaço urbano central da cidade. As áreas serranas, ainda precárias em infraestrutura (como estradas, pontes e equipamentos básicos) eram assim mesmo incorporadas ao espaço econômico.

Na segunda metade do século XX, se intensificaram os avanços na valorização de terras na Serra do Curral — expressa na especulação do preço dos terrenos — bem como na competição pelo uso das terras (do solo e do subsolo) na cidade de Belo Horizonte e no município de Nova Lima. Por volta do fim das décadas de 1960 e 1970, segmentos da Serra, ricos em ferro, e de localizações privilegiadas, competiam com as modernas ocupações urbanas. O crescimento dessas concorrências intensificou-se com o *boom* das *commodities* minerais (de 2000 a 2008) e do *pós-boom* (mais particularmente depois de 2014). Nesses períodos, porções da Serra (principalmente, as situadas nas proximidades da BR-040) atraíam tanto mineradores de pequenos e grandes portes quanto a indivíduos seduzidos pelo mercado imobiliário de Belo Horizonte e Nova Lima.

A mina de ouro de Morro Velho, no município de Nova Lima (com extensão no município de Raposos), pertenceu a três ou quatro proprietários antes de ser adquirida, em 1834, pela Saint John d'el Rey Mining Company, que a dirigiu até 1958. O atual proprietário da mina, hoje paralisada, é a multinacional AngloGold Ashanti.

a. Mineração do Ferro em Belo Horizonte e em Nova Lima

Na cidade de Belo Horizonte, em uma localização vizinha ao município de Nova Lima, a empresa Ferrobela foi criada como sociedade de economia mista pela Prefeitura de Belo Horizonte para explorar

Boletim Petróleo, Royalties & Região



ferro na década de 1960 (sendo fechada em 1979). A Empresa de Mineração Pau Branco – Empabra foi uma empresa belo-horizontina com mais de 60 anos de existência e com a exploração de ferro marcada por conflitos entre poderes: Ministério Público, gestores estaduais e municipais, grupo de políticos e sociedade civil¹².

A antiga Mannesmann (empresa fundada na Alemanha em 1890)¹³, produtora de tubos de aço e depois também mineradora de ferro, se instalou no Brasil nos anos de 1950. A Mannesmann concentrava em Minas Gerais unidades de mineração na mina Pau Branco e em outras minas (em Belo Horizonte, Nova Lima e Brumadinho) e siderurgia (Usina Barreiro, Belo Horizonte). Adquirida pela francesa Vallourec, a empresa passou a ser Vallourec & Mannesmann Tube. Hoje é Vallourec Soluções Tubulares do Brasil.

Em 1958, a Hanna Corporation iniciou a exploração de ferro em Nova Lima. Em 1964, a empresa Minerações Brasileiras Reunidas - MBR foi fundada por Augusto Trajano de Azevedo Antunes. A MBR comandou a exploração de ferro na região Belo Horizonte – Nova Lima e Brumadinho por mais de 30 anos. A MBR¹⁴ era uma mineradora e transportadora de ferro forte no Brasil.

A empresa MBR se instalou em Mina de Águas Claras, na Serra do Curral d’el Rey, nos primeiros anos da década de 1970, sendo desativada em 2002. Porém, desde a década de 1970, a empresa explorou intensamente o ferro na Serra. Da mina o ferro era enviado por ferrovia para os portos do Rio de Janeiro e para a siderurgia (Companhia Siderúrgica Nacional – CSN) instada em Volta Redonda, no Rio

¹²Em 2018 a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) suspendeu as atividades da Empabra na Serra do Curral, na altura do bairro Taquaril. Em 2017 um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) foi firmado entre o Ministério Público e a Empabra.

¹³ A Mannesmann manteve por muito tempo, uma placa na qual estava escrito em letras garafais a palavra Mannesmann. Esta placa ficava afixada no alto da Serra do Curral para ser vista por quem chegasse ou saísse de Belo Horizonte ou por quem passasse pela av. Nossa Senhora do Carmo em sua travessia para a BR-040. Aquela porção da Serra era e é marcada por um pedimento (relevo marcado por uma crista íngreme e abrupta (protegida por uma capa endurecida de canga, uma camada ferruginosa), seguida por uma superfície inclinada, uma rampa relativamente extensa). A rampa é finalizada numa deposição déntrica que é a *playa* (termo geomorfológico, usado para designar faixa de terra encoberta de sedimentos).

¹⁴O grupo Caemi Mineração foi uma *holding* de mineração fundada por Augusto Trajano de Azevedo Antunes em 1950. Nessa ocasião Antunes arrendou por dez anos jazidas de minério de ferro no Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais da St. John d’el Rey Mining, à época, nas proximidades da cidade de Belo Horizonte, ou no limite entre Belo Horizonte e Nova Lima. A primeira empresa do grupo foi denominada Indústria e Comércio de Minérios (Icomi), posteriormente, Icominas. A Caemi fundou a Minerações Brasileiras Reunidas (MBR) em parceria com a M. A. Hanna Company em 1965. A MBR foi a segunda maior exportadora de minério de ferro do estado de Minas Gerais.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



de Janeiro, e para pequenas indústrias em São Paulo. A MBR do Grupo Caemi¹⁵ é atualmente da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD)/Vale S.A.

b. Mineração do ferro durante o boom e pós - boom das commodities minerais

Devido às demandas minerais dos chineses e aos estímulos à exportação do minério de ferro — demandas então crescentes com o *boom* e *pós-boom* das *commodities* minerais, condições que perduram de 2000 aos dias atuais. Como consequência partir desse período favorável à exportação, as tentativas de mineração de pequenas empresas na Serra do Curral d'el Rey foram intensificadas tanto em Belo Horizonte quanto no município de Nova Lima¹⁶ e nas áreas adjacentes no Quadrilátero Ferrífero mineiro, bem como nas minas de ferro no estado do Pará. No após *boom* das *commodities*, por razões vinculadas às variações do preço do ferro (alterando muitas vezes para baixo) era preciso exportar maior volume de ferro para fazer frente às frequentes quedas de preço do minério, o que provavelmente tornou viável a existência e a contribuição das pequenas mineradoras.

Em 2006, a CVRD (atual Vale S.A.) adquiriu todas as ações da MBR. As minas da MBR, como Águas Claras, Mostardas, Capitão do Mato, Mutuca, Tamanduá, para citar algumas, passaram a ser negociadas para a CVRD/Vale S.A.

¹⁵Em 1970, na época em que o Projeto Águas Claras estava sendo executado pela MBR, discutia-se a ligação ferroviária entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro e Belo Horizonte e São Paulo, visando a viabilização da empresa MBR.

Repetimos aqui a nota de rodapé da página 2 de artigo escrito por Y. L. Marques e Roberto L. de M. Monte-Mór (1994, p. 82):“A MBR – Minerações Brasileiras Reunidas — empresa nacional [antes de Augusto Trajano de Azevedo Antunes é atualmente da Vale S.A.] testa-de-ferro para um conglomerado multinacional — doou o parque à cidade e promoveu a reconstituição da Praça da Liberdade, “a praça do governo”. A história das estratégias ligadas à MBR e à “legalização” da exploração das jazidas de Águas Claras é contada por MACHADO, B. A. Hanna em Minas Gerais. Belo Horizonte, (1):1-22, maio/jun. 1978”.

¹⁶A cidade de Belo Horizonte, porém, contém mais diversificação de atividades, o que faz da mineração na Serra do Curral d'el Rey uma das atividades não tão importantes para a economia da cidade de Belo Horizonte como havia sido nas décadas de 1960 e 1970.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



No fim da segunda metade do século XX, grandes empresas mineradoras (CVRD e MBR) exploravam e transportavam ferro por ferrovias¹⁷ para o Rio de Janeiro e São Paulo. Extraíam ferro na cidade de Belo Horizonte (limite entre Belo Horizonte e Nova Lima) e ferro e ouro no município de Nova Lima.

c. Avanços das Mineradoras de Pequeno Porte na Serra do Curral d'el Rey

A partir da segunda década do século XXI, no período correspondente ao pós - *boom* das *commodities* minerais as pequenas mineradoras surgiram na Serra do Curral. As pequenas mineradoras ambicionavam também explorar ferro, em face da demanda de ferro da China, mantida alta mesmo no pós-*boom* das *commodities* minerais e das variações do preço do ferro.

Entre as pequenas mineradoras com atuação na Serra do Curral d'el Rey¹⁸ desde 2015 estão o Grupo Fleurs (empresa do conglomerado do empresário Cavalcante); a Taquaril Mineração S.A. (do complexo Minerário Serra do Taquaril Mineração – Projeto da empresa Tamisa), com efeitos ambientalmente perturbadores do hospital belorizontino, Hospital da Baleia; a Valefort Comércio e Transporte; e a Mineração Gute Sicht (empresas do conglomerado do empresário Cavalcante). Sobre o projeto da Taquaril Mineração S. A. e o patrimônio ambiental de Minas Gerais¹⁹, destacamos a reunião com participação popular, realizada na Câmara de Atividades Minerárias – CMI, em 29/04/2022, concluída na madrugada do dia 30/04/2022. Apesar das posições do Ministério Público Federal – MPF, Ministério Público de Minas Gerais - MPMG, a Prefeitura de Belo Horizonte, das argumentações da vereadora Duda Salabert Rosa e das manifestações populares, incluindo integrantes do Projeto

¹⁷A empresa RFFSA foi dissolvida de acordo com o estabelecido no Decreto nº 3 277, de 7 de dezembro de 1999. A MRS Logística foi constituída em agosto de 1996 como *Consórcio MRS Logística*, grupo liderado pela Companhia Siderúrgica Nacional - CSN e Minerações Brasileiras Reunidas (MBR), além de outras empresas. A MRS Logística é a atual concessionária que opera a chamada Malha Regional Sudeste, que transporta o ferro de Belo Horizonte e Nova Lima para o Rio de Janeiro e São Paulo, além de outras matérias-primas.

¹⁸ O atraso do tombamento da Serra do Curral d'el Rey, ou seja, torná-la patrimônio municipal e federal (pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e pela Prefeitura de Belo Horizonte) tem sido motivo das investidas das mineradoras de portes variados.

¹⁹ O processo de tombamento como Patrimônio Histórico ainda não foi concretizado.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



Manuelzão, criado em 1997, liderado atualmente pelo Professor Marcus Polignano, professor da UFMG. Por 8 votos a 4, o colegiado concedeu a Licença Prévia e a Licença de Instalação do projeto do Complexo Minerário Serra do Taquaril - CMST. O MPMG parecia apoiar mais as ocupações urbanas e não as mineradoras²⁰. De qualquer forma, as mineradoras e os investimentos imobiliários continuam ativos e em expansões, disputando espaço entre si.

Tentativas de avanços similares de outros pequenos mineradores, notificados ou não pela mídia, continuam a acontecer enquanto o preço do ferro não cair dramaticamente. Alguns membros das câmaras municipais os apóiam, visando aumentar, entre outras coisas, a arrecadação da Compensação Financeira pela Exploração Mineral – CFEM já expressivos em Nova Lima (vide Tabela 2).

5.6. Municípios mineradores: crescimento populacional e o fenômeno da urbanização

Depois de 1940, em Belo Horizonte e em Nova Lima/MG, o crescimento populacional aumentava gradativamente e com isso os limites físicos da cidade de Belo Horizonte se expandiam. Desde a década de 1940, a mineração foi importante fator de crescimento das cidades, em Minas Gerais. Dessa forma, em Belo Horizonte, o crescimento populacional e a valorização, pela exploração, sobretudo, do ferro, no Quadrilátero Ferrífero, contribuíram para aumentar os investimentos tanto na própria mineração quanto os investimentos no setor imobiliário, especulativos ou não. Um grande salto de crescimento populacional se deu nos anos de *boom* e após *boom* das *commodities* minerais já no século XXI Crescia a urbanização e a diversidade de locais de moradias da cidade. A valorização terras foi estimulada nas encostas da Serra do Curral e estendida para Nova Lima. A especulação no mercado de terras, todavia, já era importante e cresciam em Belo Horizonte e em direção à Nova Lima.

²⁰ Segundo o MPMG (<https:mpmg.mp.br/data/files/3F/D4/9B/A57D99081089C6EFF776849A8.....>), “em 05 de Maio de 2022, em petição na ação civil pública no. 5003841 – 30.2022.8.13.0188, declarou que de acordo com o Plano Diretor de Nova Lima e seu respectivo zoneamento, grande parte da área do empreendimento CMST é classificada como Zona Especial de Proteção Ambiental – ZEPAM e Zona Especial de Expansão Urbana, todas incompatíveis com a mineração. Em referência ao Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da RMBH, de acordo com o MPMG, o CMST se insere em área classificada como Zona de Interesse Metropolitano – ZIM e como Macrozona de Proteção Ambiental 1 - MZP-1, onde as diretrizes de ocupação e exploração são muito restritiva levando-se em conta a importância ambiental e a relevância para o desenvolvimento urbanístico sustentável, que são completamente incompatíveis com a atividade mineraria na Serra do Curral”.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



A cidade de Belo Horizonte e o município de Nova Lima são duas unidades de áreas mais populosas da Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH. Belo Horizonte, a maior de todas, passou de 360.313 habitantes em 1950 para 2.315.560 em 2022, enquanto, em Nova Lima, a população cresceu de 22.277 para 111.697 habitantes em 2022 (Tabela 1).

Belo Horizonte cresceu como capital do estado de Minas Gerais e pelo esforço de industrialização, especialmente, dos anos 1950 aos anos 1970. A partir da década de 1950, o município de Nova Lima e expandiu, devido, em particular, à exploração extrativista do ouro, que lá já existia, e da mineração e industrialização do ferro, depois de 1950.

A partir dos anos 1950 (ou mais especificamente dos anos 1960 ou dos anos 1970) em Belo Horizonte, a cidade cresceu ao longo de dois eixos (avenidas) de circulação direcionados de porções do centro da cidade à Serra do Curral d'el Rey: Av. Afonso Pena e Av. Nossa Senhora do Carmo. Assim, as escarpas da Serra voltadas para Belo Horizonte foram ocupadas pela população rica. A partir da Avenida Nossa Senhora do Carmo, a ocupação atingiu Nova Lima por meio principalmente da BR-040, que conecta Belo Horizonte ao Rio de Janeiro.

Tabela 1 - População Total dos Municípios de Minas Gerais na Área de Influência de BH								
Município	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010	2022
Belo Horizonte	360.313	963.328	1.235.030	1.780.052	2.020.161	2.238.526	2.375.151	2.315.560
Betim	16.541	22.048	37.815	84.193	170.934	306.675	378.089	411.859
Brumadinho	13.104	16.399	17.874	18.018	19.308	26.614	33.973	38.915
Contagem	6.093	32.155	111.235	280.470	449.588	538.208	603.442	621.865
Mariana	32.828	26.671	24.786	29.401	38.180	46.710	54.219	61.387
Nova Lima	22.277	21.135	33.992	41.217	52.400	64.387	80.998	111.697
Ouro Preto	34.154	38.872	46.165	53.413	62.514	66.277	70.281	74.824
Raposos	6.477	9.627	10.133	11.801	14.242	14.289	15.342	16.279
Sabará	13.529	10.004	45.149	64.210	89.740	115.352	126.269	129.372

Fonte: Censos do IBGE

A mineração e a ocupação humana de “novos” segmentos espaciais às margens da BR-040 por meio dos condomínios (residenciais ou comerciais) horizontais e verticais em Nova Lima (área contígua a Belo

Boletim Petróleo, Royalties & Região



Horizonte) cresceram — principalmente após as primeiras décadas do século XX — e crescem a ritmos variados.

A Serra do Curral d'el Rey era o objeto de expansão da cidade, voltada para as elites ricas. Locais situados às margens da BR-040 deram lugar à formação de novos segmentos espaciais dirigidos às populações abastadas. Tal planejamento contou com fatores outros, entre os quais a valorização artificial dos solos serranos. Entre os fatores que levaram a tal ocupação estão: a) a abertura de ruas e estradas (que continuam a ser planejadas e edificadas), a aprovação de projetos de loteamentos de terra e a destinação de obras de saneamento (infraestrutura básica) fornecidas pelos poderes, público e privado; b) o acesso ao capital e o desenvolvimento do sistema crediário público-privado fornecido pelos bancos e por instituições financeiras; c) o poder dos “proprietários” de terra de olho na venda vantajosa de terrenos apoiada em negociações imobiliárias lucrativas; d) a adoção de medidas necessárias favoráveis aos agentes imobiliários nos planos diretores; e) as ações de grupos de *marketing*, que fazem propaganda oferecendo refúgios encantadores onde se pode desfrutar de silêncio, segurança e beleza; e f) os fatores individuais, como prestígio, status e vaidade.

Desse modo, com o crescimento populacional, com a preparação do espaço por meio de ações urbanizadoras e com a valorização do solo e da segurança, o significado da Serra do Curral d'el Rey foi sendo alterado, passando a deixar de ser vista apenas como área de estoque de ferro para ser a fronteira sul da expansão da ocupação imobiliária da elite de Belo Horizonte e de mineradoras de pequeno ou de grande porte.

Sumarizando na Imagem/Mapa 1 e na Imagem/Mapa 2, identificamos, sem levar em consideração os detalhes, pelo menos três paisagens construídas em tempos e espaços distintos. A primeira, a mais antiga e mais ampla, engloba as áreas urbanas centrais planejadas e seus arredores. Esta área constitui o espaço urbano tradicional e relativamente antigo da cidade de Belo Horizonte, limitada ao sul pela Serra do Curral d'el Rey. A segunda paisagem é marcada por topografia mais verticalizada. A área central desta segunda é representada nas Imagem/mapas 1 e 2 pela cumeeira da Serra, que corresponde ao limite entre Belo Horizonte e Nova Lima. A terceira paisagem corresponde às áreas (urbanas e rurais) ainda pouco transformadas do município de Nova Lima.



6 AVANÇOS NAS TRANSFORMAÇÕES EM PROGRESSO NOS SETORES DE MINERAÇÕES E INVESTIMENTOS MOBILIÁRIOS

No período correspondente ao final da década de 1990e às primeiras décadas de 2000, a mineração (de ferro) e as explorações imobiliárias superaquecidas valorizaram diferentemente a área correspondente, a Serra do Curral d’el Rey. Assim, na Serra, nas últimas três décadas e no período em que durarem as demandas chinesas pelo minério de ferro, aumentaram e aumentam tanto os investimentos nas atividades minerais (exploração e exportação) quanto às edificações imobiliárias voltadas para as classes ricas ou classes médias altas bem-sucedidas.

De um lado, havia a busca por exportação em volumes mais elevados de ferro, estimulado ainda pelas *commodities* (ferro, entre outros) nas primeiras décadas do século XXI, devido às demandas chinesas que seguiam, embora em ritmo mais lento e incerto do que no período anterior ao atual. De outro lado, a valorização e o comércio de terra (lotes de terra) refletiram a procura por imóveis para construções de alto padrão. A criação de “novos” segmentos espaciais “modernos” levou à substituição da paisagem rural rústica pelo cenário da mineração e pelas paisagens urbanas, ou semiurbanas e “modernas”, ou “pós-modernas”, na Serra do Curral d’el Rey.

As populações da Serra do Curral d’el Rey em situação de pobreza — faveladas ou habitantes pobres dedicados à lavoura de subsistência — foram sendo de lá afastadas. Áreas de proteção ambiental, que visavam proteger as nascentes com vistas à segurança hídrica, foram sendo reduzidas ou quase totalmente eliminadas. Por consequência, as compras e vendas na Serra se aceleraram, dando cada vez mais lugar a condomínios fechados do tipo *resort*, programadas por empresários imobiliários — empresas incorporadoras, construtoras, de arquitetura ou de decoração —, altos funcionários executivos desse ramo, consultores, engenheiros, juristas e muitos outros indivíduos bem colocados profissionalmente. Prédios (estilo torre) de comércio e serviços com salas destinados ao uso dos donos, CEOs ou funcionários de altos salários, empregados das empresas diversas foram construídos ou alugados.



6.1. A criação de “novos” segmentos espaciais das populações ricas: os contrapontos na RMBH

A cidade de Belo Horizonte, mais do que o município de Nova Lima²¹ (município vizinho de BH e um dos municípios da RMBH), contém “novos” e “velhos” segmentos espaciais diferenciados entre si, construídos em tempos diversos. Tanto em Belo Horizonte quanto existem inúmeros contrapontos com esses “novos” e “velhos” segmentos espaciais centrais ou periféricos, ricos e pobres (com escassez ou ausência de infraestruturas básicas). Alguns dos “novos” segmentos produzidos se distinguem por serem ocupados por populações de alto poder aquisitivo, contrastando com segmentos espaciais ocupados pelas populações de média-média ou de baixa renda ou sem-renda, sem-terra para morar ou plantar. Novos tempos e novas diretrizes municipais geram “novos” espaços ou segmentos espaciais.

Muitos ricos procuram conviver entre seus iguais e rejeitam os diferentes. Buscam status e o privilégio de moradias caras, luxuosas e modernas; e, paradoxalmente, almejam desfrutar a beleza da natureza — sem pensar que descaracteriza a Serra com sua presença ou seus projetos). São moradores que, em geral, se empenham de forma exaustiva em obter vantagens quanto à qualidade de vida, de acesso aos serviços e bens de consumo, a facilidade de desfrutar dos avanços tecnológicos e do enriquecimento por investimentos financeiros, acesso aos créditos e às especulações favorável.

Em Belo Horizonte, no final da década de 1990, “os bairros que mais cresciam verticalmente eram o Buritis, o Castelo e o Belvedere [...]” (TEIXEIRA, 2022, p. 298), todos localizados na subida da Serra. Em Nova Lima, nessa mesma época, já cresciam os loteamentos e os condomínios às margens da BR-040, porém, ainda limitados às imediações da Serra do Curral d’el Rey.

Além das vilas residenciais de alto nível, há bairros de populações de classes média alta ou média, como os Cidade Jardim, Santo Antônio, Sion e Lourdes. Bairros ou comunidades periféricas vizinhas incluem bairros industriais, como Barreiro, e os de classe média baixa, como no município da RMBH denominado Ribeirão das Neves, ou das classes de renda ainda mais baixas, as comunidades pobres (favelas).

²¹ A cidade de Nova Lima aparenta ser ainda uma cidade operária, com poucas renovações atuais. Além de condomínios residenciais ricos às margens da BR-040 no interior do município, nota-se também a presença de condomínios de classes média-média e média-baixa nos arredores da cidade de Nova Lima e de seu distrito Jardim Canadá.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



Transformações na arquitetura em tempos diversos também ocorriam em segmentos espaciais relativamente centrais de Belo Horizonte. Há, por exemplo, bairros um tanto antigos da primeira metade do século XX, onde velhas residências estão sendo objeto de reforma ou transformação. As revitalizações ou restaurações de casas e prédios nessas áreas, bem como as destruições de prédios e casas antigas e construções de novos prédios nos lugares dos anteriores — processos conhecidos como gentrificações — são também alternativas de reaquescimentos da economia de Belo Horizonte e Nova Lima.

6.2. Avanços nas transformações das paisagens rurais e semirurais em paisagens urbanas

As modificações socioespaciais em Belo Horizonte e Nova Lima refletem as visões de mundo e de país nos hábitos e nas formas de vida adotadas por indivíduos ricos ou bem remuneradas. As mudanças nas paisagens associadas a novos bairros e novas vilas em formação na Serra do Curral d'el Rey ocorreram e ainda ocorrem em intensidade e velocidade variáveis, de acordo com os incentivos imobiliários, com as ações dos poderes público e privado, com a dinâmica econômica, mundial, nacional, estadual e regional/local. Além dos segmentos espaciais urbanos sofisticados (domínio dos condomínios residenciais e comerciais) e das mineradoras, cresceram e ainda crescem os ligados às atividades turísticas, como o distrito de Macacos, em Nova Lima. Isto também acontece em Raposos, e em outros municípios vizinhos de Nova Lima (também pertencentes à RHBH).

A formação de novos segmentos espaciais é influenciada e moldada por grupos de jovens e adultos influenciados pelas grandes cidades de países ou regiões de economias “avançadas”. Esses adultos e jovens copiam costumes, hábitos e práticas dos moldes norte-americanos, ou seja, novaiorquinos ou de diversas outras culturas.

Os processos de mudança nas paisagens, ditadas pelos representantes dos jovens mencionados, são contínuos, e a concretização delas se relaciona à produção de segmentos espaciais de âmbito global e de grandes cidades nacionais. Em geral, as mudanças culturais globalizadas e as visões de mundo cultural são inevitáveis. Ademais, as aspirações por acesso privilegiado a um mundo globalizado, as buscas de mudanças distintas por meio das realizações dos seres humanos como privatizar a natureza natural e as lutas contra as desigualdades econômicas, sociais ou espaciais normalmente não preocupam os

Boletim Petróleo, Royalties & Região



habitantes (jovens e adultos) desses “novos” e ricos segmentos espaciais. Sua população vive num mundo (globalizado) à parte, aparentemente repleto de oportunidades e cujo desafio é administrá-las bem. Seu principal medo é o de ficarem pobres como os habitantes vizinhos, por exemplo, do conjunto de comunidades de populações pobres do denominado Conglomerado da Serra.

6.3. Emergência de “novas” paisagens espetaculares, “modernas” e seguras

As grandes empresas usam os novos fragmentos espaciais — bem-dotados de obras viárias, de saneamento e de objetos técnico-informacionais dotados de densidade informacional, por exemplo, (SANTOS, 1994) — ali existentes. Exemplos de desigualdades sociais, os novos espaços, criados, abrigam sedes de grandes empresas, carentes de mais visibilidade, além de segregadores residenciais (Vide sobre Diferenças, Desigualdades, Medo, Segregação e Fragmentação em CORRÊA, R. L. 2024; SPOSITO, M. E, 2014 e SOUZA, M. L. de, 2000 e 2008 e em muitos outros). Os altos funcionários das mineradoras, das empresas multinacionais e os profissionais de sucesso, como engenheiros, arquitetos, médicos e muitos outros, utilizam-nos para residências de alto luxo, justificadas por terem acesso ao capital ou por altos salários, pelas suas posições nas mineradoras ou nas multinacionais diversas e pela qualidade dos serviços lá oferecidos.

Nesses novos fragmentos de paisagem urbana, os empreendimentos imobiliários luxuosos (construções de alto padrão, prédios com fachadas sofisticadas) e os sistemas de segurança máxima (recursos eletrônicos de padrão de controle altamente técnico e com policiamento ostensivo) se assemelham aos grandes cidades do mundo desenvolvido ou em desenvolvimento. Até porque empresas imobiliárias londrinas e estadunidenses (nova iorquinas) se dirigiram para as grandes cidades nos países periféricos prósperos à procura de espaços favoráveis a seus negócios, buscando se associar às grandes empresas nacionais e locais por meio de *joint-ventures*, fusões e outros tipos de associação.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



Os fragmentos “nobres” da cidade de Belo Horizonte e do município de Nova Lima²², situados às margens da Avenida Nossa Senhora do Carmo e, em sua continuidade, às margens da rodovia BR-040, são locais altamente valorizados, principalmente devido às ações infraestruturais feitas pelo estado e pelos municípios (BH e Nova Lima) e pela construção dos *shoppings* BH *Shopping* e Ponteio Lar *Shopping*, em Belo Horizonte; de outros *shoppings*, como o *Serena Mall*, de lojas comerciais luxuosas; de prédios, como o *Concórdia Corporate*, edifício comercial tido como o mais alto de Minas Gerais; de hospitais; de clínicas de saúde; de restaurantes, como o restaurante no topo da Torre *Piemont*, também denominado Torre Alta Vila, em cuja cúpula há uma vista panorâmica deslumbrante de 360º graus. Na proximidade das áreas recém-ocupadas surgiram o colégio Santo Agostinho e, mais adiante (em direção ao Rio de Janeiro), o *shopping* Ponto Verde. Esclarecendo, em Belo Horizonte, o bairro de Mangabeiras, o Belvedere, os Belvedere II e III, e em Nova Lima, terras foram sendo altamente valorizadas. No caso de Nova Lima, terrenos recém-adquiridos deram origem aos condomínios fechados (verticais ou horizontais) em Vila da Serra, Vila dos Cristais, Vila Serena, Jardim da Torre, Vila Castela, Vila Alpina, Vila Castanheira e em outras vilas ainda em expansão.

Na Vila da Serra em particular, as paisagens urbanas variam do dia para a noite. A vista diurna é marcada pelo fluxo intenso principalmente de indivíduos, incluindo a locomoção de cidadãos e cidadãs bem-vestidos e bem-vestidas (com sentimento de cidadãos do mundo), muitos com seus cachorros de raça de preço e de custo elevados. Tem-se também o fluxo de carros luxuosos de habitantes ou visitantes e de carros transportando matérias-primas. A paisagem noturna é distinta por sua luminosidade artificial, com luzes intermitentes de cores diversas e alegres, com variações de claro e escuro, brilhante e opaco; pelos anúncios propagandistas com letreiros de neon; pelas fachadas coloridas e brilhosas; e pelas belas vitrines modernas e sedutoras das boutiques. Tudo isso confere a Vila da Serra uma atmosfera alucinante,

²² Segundo Hilgert, citado por Souza e Brito (2006, p. 6): “Para melhor compreender as principais características da formação urbana recente de Nova Lima, torna-se necessário analisá-la articulada à intensificação da expansão do eixo-sul [centro-sul] de Belo Horizonte, em particular, o crescimento do bairro Belvedere e do seu desdobramento, o Belvedere III. Esse bairro, localizado bem próximo à divisa entre Belo Horizonte e Nova Lima, junto à Serra do Curral, após a modificação da Legislação de Zoneamento de Belo Horizonte em 1988, passou por rápido e intenso processo de verticalização. Na década de 1980, era uma região de intensa especulação imobiliária por se situar próxima a áreas de interesse ambiental e paisagístico, como as nascentes e a biodiversidade da Mata do Jambreiro e da Serra do Curral. A localização privilegiada e a restritiva legislação de uso e ocupação do solo tornaram-se fontes de conflito entre os interesses públicos e os privados (HILGERT, 2004)”.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



encantadora e sonhadora. Tanto de dia quanto ao anoitecer, é possível ouvir boas ou frenéticas execuções musicais. O frenesi musical domina e anima as festas, nas boates, *blue nightclubs* e casas diversas de espetáculos ou de *shows*. A finalidade é sempre atrair o consumidor influenciado tanto por mercadorias inovadoras e por divertimentos diversos quanto por lotes de terra e moradias luxuosas. Enfim, o que se quer é transportar o(a) consumidor(a) para um mundo de fantasias onerosas.

6.4. As prefeituras e as fontes contemporâneas de compensação financeira e de arrecadações tributárias

As receitas municipais são derivadas da arrecadação de impostos ou tributos convencionais, como o Imposto Predial e Territorial Urbano - IPTU e de transferências constitucionais, como o Fundo de Participação dos Municípios - FPM e o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviço - ICMS. A justificativa dos investimentos da União, dos municípios e das empresas privadas é a necessidade de estruturação das cidades, de criação de equipamentos de educação, saúde e saneamento básico; de melhoria da oferta de empregos; e de criação de alternativas de moradia para a população não rica. O crescimento contínuo da população e a conseqüente necessidade de desenvolver capacidade de arrecadação municipal são preocupações comuns às prefeituras. No caso da Prefeitura de Nova Lima, a elite rica, em fuga da grande cidade Belo Horizonte, devido à violência, ao barulho e à falta de segurança, é bem-vinda em seu município, pois isto representa aumento de sua arrecadação.

Nova Lima é considerado um dos municípios mais ricos de Minas Gerais devido aos *royalties* pagos pela mineração, ou seja, pelas Compensações Financeiras da Mineração - CFEM — (vide, a Tabela 2). O CFEM, entretanto, tende a perdurar apenas enquanto houver recursos minerais a serem explorados e enquanto as mineradoras que lá atuam puderem contar com demandas minerais a elas favoráveis. Belo Horizonte, por sua vez, dispõe contemporaneamente de baixos valores de CFEM, uma vez que a mineração se acha concentrada atualmente no município vizinho, Nova Lima.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



Município	2020	2021	2022	2023
Belo Horizonte	18.927,64	3.846,67	2.441,98	83.891,66
Nova Lima	212.288.815,69	324.371.811,52	227.608.532,45	240.415.653,03

Fonte: ANM, Relatórios de Arrecadação de MG

6.5. Fundamentos financeiros das transformações urbanas na Serra do Curral d'el Rey

A Serra do Curral d'el Rey, em Belo Horizonte e no município de Nova Lima reflete o fenômeno da “urbanização extensiva”, de acumulação de capitais e de globalização da economia por meio da revitalização da economia através da produção de novos objetos e de ações transformadoras de espaços. Tudo isto tem envolvido tanto as atividades minerais quanto as produções imobiliárias, encrudelecidas pelo *boom* mineral (de 2000 a 2008) e pelo *pós-boom* (a partir especialmente de 2014) das exportações das *commodities* minerais e do processo de criação de “novos” fragmentos espaciais urbanos de alto padrão. Os novos segmentos urbanos criados nos espaços das cidades ou dos municípios são, portanto, destinados aos investimentos por meio da difusão do fenômeno do crédito bancário, do apoio, particularmente, de instituições financeiras, das aplicações dos fundos especializados em investir no mercado imobiliário.

Em nosso trabalho concordamos com a análise de Mariana Fix no livro ***São Paulo cidade global***, de 2007. Textos outros são nestes assuntos fundamentais, como os de Heloísa. S. de M. Costa (2011, 2015), Renan Almeida (2015) e outros.

O estilo de acumulação²³ é dado pelas novas formas de centralização de gigantescos capitais financeiros (os fundos mútuos e fundos de pensão), cuja função é frutificar principalmente o interior da esfera financeira. Seu veículo são os títulos (*securities*) e sua obsessão, a rentabilidade aliada à “liquidez”, da qual Kleyne denunciara o caráter “antissocial”, isto é, antitético ao investimento de longo prazo” (F. Chesnais, *A mundialização do capital*, pp. 14-15. Esse trecho foi citado por Mariana Fix, 2007, nota 12).

²³ Vide CHESNAIS, F. no livro *A mundialização do capital*. 1966.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



Todavia, os circuitos de financeirização e seus funcionamentos — trabalhados por agentes econômicos específicos (promotores imobiliários, incorporadores imobiliários, construtores e outros) e por poderes públicos (estaduais e locais) — foram os estimulados pelo *boom* imobiliário nos países centrais e no Brasil (em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte/Nova Lima, entre outros) nos últimos 40 anos. Não avançaremos na compreensão dos circuitos de financeirização nem das estratégias dos respectivos mercados imobiliários, que, além de complexos, estão fora dos campos de estudo de cada um dos autores deste texto. Recomendamos, portanto, a leitura do livro de Mariana Fix (2007), que, embora com análise voltada para São Paulo, será útil ao entendimento de casos similares e merecedores de comparação.

Em 2008, a crise econômica mundial ocorreu devido ao estouro da bolha imobiliária nos Estados Unidos, crise também conhecida como *subprime*, envolvendo acordos com o funcionamento dos mercados financeiros e com os investimentos nos mercados de ações, títulos e derivativos. Seus efeitos no Brasil ocorreram em 2014, época em que os investimentos imobiliários foram mais afetados por tal crise internacional, em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. A crise de 2014 ficou também conhecida pela recessão de 2015/2016. Só agora em 2023/2024 parte da imprensa brasileira fala timidamente numa tendência ao reaquecimento do setor imobiliário brasileiro.

7 PROBLEMAS SOCIOAMBIENTAIS DECORRENTES DA MINERAÇÃO E DA EXPANSÃO IMOBILIÁRIA

A partir da década de 1970, durante o período denominado milagre econômico brasileiro, a evolução da ocupação humana da Serra do Curral d’el Rey — incluindo as áreas serranas íngremes(encostas da Serra do Curral d’el Rey) em Belo Horizonte e as áreas de urbanização extensiva em Nova Lima — se transformava mais efetivamente. As ocupações através da grande mineração, dos parques florestais e dos loteamentos se deram de forma segmentada, ora destruindo partes da cobertura de Mata Atlântica, Campos de Altitude e de Cerrado, ora preservando-as, pelo menos, temporariamente. Algumas manchas



de vegetação de extensões variadas foram destinadas aos parques nacionais, estaduais e municipais. Dessa forma surgiram o Parque das Mangabeiras e o Parque Municipal da Serra do Curral.

A Lei 11.403/22 foi instituída para defender a Serra do Curral e para garanti-la como patrimônio municipal em 2022²⁴ em diante. A expansão dos fragmentos espaciais urbanos ocupados pelas classes de elevado padrão de vida, marcadas pelo grande consumo de bens, levou ao crescimento exponencial do lixo. Um novo problema surgiu: como administrar os altos volumes de lixo nesses novos fragmentos espaciais?

Em Belo Horizonte e em Nova Lima, há os que advogam contra ou a favor dos diversos serviços de exploração econômica, causadores de danos ambientais irreversíveis. Entre os representantes da sociedade local estão prefeitos, vereadores e parlamentares estaduais, além de componentes dos Ministérios Públicos, Estadual e Federal, de Ongs e de membros de diversas outras associações. Existem também movimentos sociais como o Projeto Manuelzão, liderado pelo professor Marcus Polignano - UFMG, já anteriormente citado, o uso de *slogans*, como: “Mexeu com a Serra, mexeu comigo” e “Tira o pé da minha Serra”, entre outros. Tais movimentos sociais e os Ministérios Públicos, Federal e Estadual, no entanto, encontram dificuldade em suas lutas ou ações em defesa da Serra.

8 AS AÇÕES DE GRUPOS DE CUNHO PRÓXIMO AO RELIGIOSO NA SERRA DO CURRAL D’EL REY

Conjuntos de indivíduos religiosos ou não, grupos diversos (entre os quais grupos de oração, de louvação a Deus, de celebração da natureza como obra divina ou de meditação, do qual fazem parte indivíduos seduzidos ou amantes de rituais espiritualistas), compostos de membros populares que vêm nas topografias (elevações) da Serra do Curral d’el Rey formas de louvar ou se aproximar de Deus. Tais grupos podem ou não se engajar na defesa do patrimônio histórico e da preservação ambiental da Serra do Curral d’el Rey. No caso do município de Nova Lima, a presença dessa espiritualidade²⁵ aparece em

²⁴ O processo de tombamento estadual dessa Serra não foi ainda homologado.

²⁵ Em geral, tais grupos não pregam nenhuma doutrina, são mais contemplativos e escolhem locais ideais para meditação.



denominações locais, como “Mirante Morro da Oração” e “Morro do Cristo”. Em suas pregações ou orações, são atribuídos ares místicos à Serra do Curral d’el Rey.

9 A SERRA DO CURRAL D’EL REY COMO ESPAÇO, AO MESMO TEMPO, ABSOLUTO, RELATIVO E RELACIONAL

A assertiva de Harvey (2004): “todo espaço é absoluto e, ao mesmo tempo, relativo ou relacional”. O pensamento de Harvey está associado aos pensamentos de H. Lefebvre e de M. Santos. Todos três autores forneceram são importantes fatores de reflexão sobre espaço para pesquisadores geógrafos, historiadores, antropólogos, entre outros. Absolutizando, o espaço Serra do Curral d’el Rey, concretamente, possui localização (latitude e longitude), características físicas e fluxos (variados) calculáveis. Relativizando, o tempo-espaço na Serra do Curral se relaciona com a posição dos municípios de Belo Horizonte e Nova Lima frente às vias que compõem as malhas ferroviárias e rodoviárias. Relacionalizando, a Serra do Curral d’el Rey está associada a fatores e situações temporais, culturais e sentimentais. Além de espaço urbano do capital, esses “novos” fragmentos espaciais recém-formados são popularmente vistos como espaços do medo reduzido, do silêncio, dos sonhos, da vaidade, dentre outras características.

10 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Serra do Curral d’el Rey é cenário composto de grandes e pequenas mineradoras, de empresas (financeiras, de negócios, imobiliárias, etc.) e de paisagens urbanas suntuosas, fazendo contraponto com os lugares das classes médias-médias, das médias-baixas, ou operárias, ou ainda dos sem-renda. Estes últimos sobrevivem em seguimentos espaciais precários, sem arruamentos bem-definidos, sem saneamento e em casas autoconstruídas (Vide COSTA H., 2011 e 2015).

Os novos objetos técnicos reunidos nos “novos” fragmentos espaciais, em formações, ou novas paisagens espelham processos de mudança capitalista motivados por atividades mineradoras, comerciais, de serviços diversos, de vendas de passagens, imobiliárias e turísticas, principalmente. Os

Boletim Petróleo, Royalties & Região



usos do solo ou subsolo por essas atividades são os resultados temporários das concorrências capitalistas. Sem dúvida, a concorrência por terrenos envolve atores sociais que competem entre si, se opõem, se rivalizam, mas também articulam entre si, se apóiam e se aliam — conforme as circunstâncias. Dispondo ainda de poucas evidentes comprovações, hipotetizamos que cada um dos setores econômicos (minerador, imobiliário ou turístico) tende a desenvolver atividades (desde que rentáveis) mesmo que comuns aos empreendedores concorrentes.

No que diz respeito ao setor residencial, dois casos são de ocorrências interessantes. O primeiro caso ocorre quando há a desvalorização (perda de valor anteriormente crescente) dos imóveis devido aos interesses das mineradoras em minerar terras já ocupadas por condomínios residenciais, em geral. Neste caso, as mineradoras compram os lotes e as casas dos proprietários, pagando-lhes preços por elas (grandes empresas) estabelecidos. O segundo caso acontece quando o minério é esgotado, as empresas mineradoras negociam as terras com empresas imobiliárias ou com agentes imobiliários ou, diretamente, com indivíduos interessados e ainda podem elas (as mineradoras) mesmo investir no setor imobiliário, de atividade muito lucrativa. Esse assunto já é abordado no trabalho de SOUZA, Renata e BRITO, Fausto (2006, p.6). Esses autores chamam a atenção para o fato de que mineradoras tendem a se tornarem proprietárias de grande extensão de terras. Há então a probabilidade de que as mineradoras passam a investir no setor imobiliário, como forma de diversificação de atividades. Certamente, estes dois casos ilustram o processo de “acumulação por espoliação” (Vide HARVEY, D., 2016, p. 286).

Na concorrência entre as imobiliárias e as mineradoras pela utilização ou ocupação da Serra do Curral d’el Rey está em jogo a busca de formas de (re)dinamização do capital por meio da construção de “novos” fragmentos espaciais de alto padrão. Para isso deu-se a adoção dos crediários, que foram ainda mais incentivados nos campos de minério e imobiliário depois das crises de 1989 e de 2008²⁶, com reflexos mundiais.

O sistema capitalista —financeiro, rentista ou especulativo — proliferou localmente com as ações tanto de investidores internacionais e como de nacionais. Os setores infraestruturais e financeiros foram

²⁶Estouro das bolhas especulativas japonesa, em 1989, e da estadunidense, em 2008, gerou crises mundiais generalizadas.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



alimentados pelos agentes internacionais, pelo Estado, pelas políticas do Estado brasileiro, pelo estado de Minas Gerais, pelos municípios e por outros agentes. Tudo isso, no entanto, foi freado diante das crises vivenciadas internacional e nacionalmente.

Na escala mundial, as formações de “novas” áreas urbanas ou cidadinas periféricas, vinculadas às grandes cidades, necessitam ser consideradas nos contextos mais amplos do desenvolvimento das cidades mundiais como Londres, Paris, New York e Whashington, que ditam padrões urbanos para cidades dos países semi-periféricos. Há também se considerar o desenvolvimento da China no século XXI e seus reflexos na economia dos países em processo de desenvolvimento. Na escala nacional, as novas áreas criadas estão posicionadas tanto nos contextos do desenvolvimento dos países periféricos quanto de suas estruturas espaciais por meio de adequações as suas respectivas estruturas socioeconômicas. As classes sociais mais altas são privilegiadas, enquanto as mais pobres são destinadas às periferias deficitárias.

Na visão de que o sistema capitalista – financeiro, especulativo ou rentista – este proliferou pelas grandes cidades periféricas com as ações tanto de investidores internacionais quanto nacionais. Setores infraestruturais e financeiros foram impulsionados pelos agentes internacionais, pelo Estado, pelas políticas do Estado brasileiro, pelo estado de Minas Gerais, municípios e etc. Tudo isso, no entanto, tem sido freado diante das crises vivenciadas, internacional e nacionalmente.

Considerando a competição entre o setor de mineração e o imobiliário na Serra do Curral d’el Rey e seus efeitos na reestruturação espacial da cidade de Belo Horizonte e no município de Nova Lima tendemos a dizer que esses dois setores são motores centrais ou capitalísticos fortes. Eles são associados aos processos de financeirização, de capitalização e de internacionalização que caracterizam o funcionamento do capitalismo contemporâneo.

Nossa intenção, neste trabalho, foi apenas de ressaltar a necessidade de mais pesquisas para se compreender melhor a situação atual da Serra do Curral d’el Rey e a produção/organização de “novos” fragmentos espaciais no trecho montanhoso da cidade de Belo Horizonte, atravessado pelo BR-040, e sua continuidade no município de Nova Lima. Tais espaços podem ser vistos como exemplos de segregação residencial e empresarial (envolvendo grandes empresas privadas, internacionais e nacionais, lá

Boletim Petróleo, Royalties & Região



assediadas, é o caso da Vila da Serra. As novas vilas são ainda potencialmente campos de lutas de classes sociais.

Finalmente, este trabalho apresentou as transformações das paisagens montanhosas na Serra do Curral transformadas em áreas urbanas, estrategicamente valorizadas para a classe abastada. Apesar das controvérsias sobre as expansões das atividades de mineração e de edificação imobiliária urbana em regiões ecologicamente sensíveis, ambas as atividades prosseguem avançando, sobretudo no município de Nova Lima, nas margens da BR: 040. Concluimos que estudar as paisagens urbanas em formação na Serra do Curral d'el Rey em Belo Horizonte e Nova Lima se enquadra tanto no exames de dois segmentos da economia que movimentam o mercado quanto na análises dos tempos e espaços influenciados pelas lógicas mercantis internacionais e pelas instituições capitalistas atuantes nas escalas diversas (internacional, nacional, regional/local). Para empresas e agentes, públicos e privados, para indivíduos ricos ou com acesso ao capital, os esforços de valorização da terra em novos fragmentos espaciais precisam ser mantidos e defendidos como forma de dinamizar as economias municipais. Dessa forma, encontramos defensores dessas atividades na Serra do Curral d'el Rey, entre eles: Estado, poderes municipais, políticos membros das Câmaras Municipais e Estaduais; proprietários de terras interessados em colocá-las no mercado; grupos econômicos; agentes, estaduais e municipais; financiadores, planejadores e incorporadores e construtores imobiliários e etc. Concluimos também que habitar na Serra do Curral d'el Rey como maneira de enfrentar o medo da violência urbana, de fugir da grande cidade (BH) e de investir na Serra do Curral d'el Rey é optar por um modo de vida ou de negócio concernente às visões de mundo, de Estado e de mercado, sustentadas pelos indivíduos que se sentem pertencentes a um mundo capitalista globalizado.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



Imagem/Mapa 3 – Mapa do Trecho Estudado pelo grupo de autores deste texto.



Legenda: Traço verde – a cumeeira da Serra do Curral d'el Rey.
Fonte: Google Maps –Imagem copiada em abril de 2024.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Renan P. Implosão e Explosão: Mercado Imobiliário e Exópolis Belo-Horizontina. In: COSTA, G e COSTA, H. S. de M. e MONTE-MÓR, R. L. de M. (Orgs). **Teorias e Práticas Urbanas. Condições para a Sociedade Urbana**. Belo Horizonte, C/Arte, 2015, pp. 511-523.

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. São Paulo, Editora: Paz e Terra, 2000.

CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. (Tradução de Silvana Finzi Foá). São Paulo: Xamã, 1996.

CORRÊA, R. L. Segregação Residencial. In: Sociedade dos Geógrafos Mortos, 4ª temporada, 8º Episódio, 2024.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



COSTA, Heloisa S. de M. Natureza e Cidade na Periferia: Ampliando o Direito à Cidade. In: COSTA, G e COSTA, Heloisa S. de M. e MONTE-MÓR, R. L. de M. (Orgs). **Teorias e Práticas Urbanas. Condições para a Sociedade Urbana**. Belo Horizonte, C/Arte, 2015, pp. 41-54.

COSTA, Heloisa S. de M. e MENDONÇA, Jupira G de. (Orgs) Estado e Capital Imobiliário. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2011.

CORREIA, R. L. E ROZENDAHL, Z. (Orgs) **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro Ed. UERJ, 2004.

DIMAS, Antônio. **Bilac, O Jornalista. Crônicas**. Volumes I e II, São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial e Editora Unicamp, 2006.

DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista. Ensaios**. São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial e Editora Unicamp, 2006.

FIX, Mariana. **São Paulo cidade global**. Fundamentos financeiros de uma miragem. São Paulo, Boitempo Editorial, ANPUR, 2007.

IBGE. Seventeen Contradictions and the End of Capitalism. Oxford, Oxford University Press, 2014. Or17 **Contradições e o Fim do Capitalismo**. São Paulo. Editora Boitempo, 2016.

HARVEY, David **Espaços de Esperança**. São Paulo, Editora Loyola, 2000.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, Edições Loyola, [1989] – 1992.

HARVEY, David. **The Production of Space**. 3ed. Oxford: Black, 1991.

HARVEY, David. Space as a Key Word. Paper for Marx in philosophy Conference, 29 May, 2004, Institute of Education, London. Mimeo, 2004. Disponível em <http://frontdeskapparatus.com/files/harvey/2004.pdf> . Acesso em 06/01/2024.

HARVEY, D. 17 **Contradições e o Fim do Capitalismo**. São Paulo, BOITEMPO, 2016, p. 286.

IBGE. **Tipologia Intraurbana**. Espaços de diferenciação socioeconômica nas concentrações urbanas do Brasil. Rio de Janeiro, IBGE, 2017.

LEFEBVRE, Henri. **A Produção do Espaço**. (livro em espanhol **La Producción Del Espaciode** Henri Lefebvre, com introdução de Emílio Martínez Gutiérrez e prólogo de Ion Martínez Lorea), 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo, Ed. Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Belo Horizonte, Editora UFMG, [1970], 1999).

Boletim Petróleo, Royalties & Região



LEFBVRE, Henri. **A Produção do Espaço**. Versão preliminar para estudos (1991?). The Production of Space. São Paulo, ([1974] 1991); Paris Éditions Anthropos, 2000); La Producción Del Espacio. (Edição Espanhol Tradutor: Emílio Martínez Gutiérrez) Madrid, CapitanSwing Libros, 2013.

MARQUES, Y. L. & MONTE-MÓR, R. L. Metropolização, Meio Ambiente e Qualidade de Vida. In: MONTE-MÓR, R. L. de M. e outros (Orgs) **Belo Horizonte: espaços e tempos em Construção**. Belo Horizonte: CEDEPLAR-PBH, 1994, pp.80-94.

MEINIG, D. W. O Olho que Observa Dez Versões da Mesma Cena. In: **Espaço e Cultura**, UERJ, jul. /dez. de 2003, pp.35-46.

MONTE-MÓR, R. L. de M. Urbanização Extensiva e Lógicas de Povoamento: Um Olhar Ambiental. In: Milton et al. (Orgs.). **Territórios, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994 (pp. 169-181).

MONTE-MÓR, R. L. de Melo; COSTA, Geraldo M. & COSTA, Heloisa S. de M. **Teorias e Práticas Urbanas. Condições para a Sociedade Urbana**. Belo Horizonte, C/Arte, 2015b, R. L. de Melo & outros. Urbanização Sustentabilidade, Desenvolvimento: Complexidade e Diversidades Contemporâneas na Produção do Espaço Urbano. In: MONTE-MÓR, R. L. de Melo; COSTA, Geraldo M. & COSTA, Heloisa S. de M. (Orgs). **Teorias e Práticas Urbanas. Condições para a Sociedade Urbana**. Belo Horizonte, C/Arte, 2015c, pp. 55-70.

MONTE-MÓR, R. L. de Melo. Cidade e campo urbano e rural: o substantivo e o adjetivo. In FELDMAN S.; FERNANDES, A. (ED.). O urbano e o regional no Brasil contemporâneo: mutações, tensões. Desafios. Salvador: EDUFBA, 2007.

MONTE-MÓR, R. Luís de Melo. **Belo Horizonte: Espaços e tempos Em Construção**. Belo Horizonte, PHB, CEDEPLAR, 1994.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos Lugares**. A Colonização da Terra e da Moradia na Era das finanças. São Paulo, Ed. Boitempo, 2019, 453p.

SANTOS, Milton. **Metrópole Corporativa Fragmentada**. O Caso de São Paulo. São Paulo: Edusp, 2ª Ed., 2019.

SANTOS, Milton. Da Paisagem ao Espaço. Palestra. São Paulo, Fau-Usp, 1995. Vídeo no YouTube.

SANTOS, Milton. **Técnicas, Espaço, Tempo**. São Paulo, Hucitec, 1994.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



SCOTT, Allen J. **Capitalism, Cities and Production of Symbolic Forms**. *Transactions of the Institute of British Geographers*, NS, 26(1), 2001, p. 11-23.

SOUZA, Carolina, H. C. de O Espaço da Resistência: Uma Construção Teórico-Prática Inspirada em Henri Lefebvre. In: MONTE-MÓR, R. L. de Melo; COSTA, Geraldo M. & COSTA, Heloisa S. de M. (Orgs). **Teorias e Práticas Urbanas. Condições para a Sociedade Urbana**. Belo Horizonte, C/Arte, 2015, pp. 369-391.

SOUZA, M. L. de. **O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles Brasileiras**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SOUZA, M. L. de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA, Renata G. V. de & BRITO, Fausto R. A. de A Expansão Urbana da Região Metropolitana de Belo Horizonte e suas implicações para a redistribuição espacial da população: a migração dos ricos. (Trabalho apresentado no XV Encontro de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu (MG), Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006). Acessado pela *Internet*.

SPOSITO, M. E. B. A Produção do Espaço Urbano: Escalas, Diferenças e Desigualdades Socioespaciais. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA M. L. de; SPOSITO, M. E. B. (Ords.) **A Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, pp. 123-145.

TEIXEIRA, Carlos M. **Em obras: História do Vazio em Belo Horizonte**. São Paulo, SP., Romano Guerra Editora, 2ª Edição, 2022.